

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 08 de março de 2024 às 07h27*  
*Seleção de Notícias*

## Folha de S. Paulo | BR

Direitos Autorais

**Países devem criar lei para remunerar conteúdo usado em IA, diz entidade . . . . .** 3  
MERCADO

## G1 - Globo | BR

Patentes

**A história do remédio que revolucionou tratamento da dor e deu origem à indústria farmacêutica há 125 anos . . . . .** 5  
SAÚDE | EDISON VEIGA

## IstoÉ Online | BR

07 de março de 2024 | Patentes

**ONU: registro de patentes diminuiu em 2023 pela primeira vez em 14 anos . . . . .** 9  
ÚLTIMAS

## Monitor Mercantil Digital online | RJ

ABPI

**Ações para ampliar representatividade feminina no mercado . . . . .** 10  
FAVOR

## CNN Brasil Online | BR

Patentes

**Participação feminina na ciência brasileira cresce 29% em 20 anos, diz relatório . . . . .** 12

## Lauro Jardim - O Globo Online | BR

07 de março de 2024 | Direitos Autorais

**Mulheres receberam só 10% dos direitos autorais pagos na indústria musical em 2023 . . . . .** 14  
BLOGS | AUTOR | JOÃO PAULO SACONI

# Países devem criar lei para remunerar conteúdo usado em IA, diz entidade

MERCADO

Países devem criar lei para remunerar conteúdo usado em IA, diz entidade

Acordos de licenciamento não garantem sustentabilidade do jornalismo, afirma relatório

Patrícia Campos Mello

Os governos devem adotar legislação para que veículos de mídia sejam compensados pelo uso de seu conteúdo no treinamento de modelos de inteligência artificial. A recomendação vem do Fórum sobre Informação e Democracia, em relatório recém-lançado que traz orientações a formuladores de políticas e empresas de IA.

Segundo a entidade, embora acordos voluntários de licenciamento de conteúdo entre companhias de inteligência artificial e organizações jornalísticas possam ser um primeiro passo, eles não garantem a sustentabilidade dos veículos e podem favorecer grandes grupos de mídia.

As recomendações constam no relatório intitulado "IA como um bem público: garantindo controle democrático da IA no espaço informacional".

A Associated Press e a Axel Springer (dona do Político, Bild e Welt) fecharam contratos de licenciamento de conteúdo com a Open AI, criadora do ChatGPT, no ano passado.

Já o jornal The New York Times está processando a companhia de tecnologia por violações de **direitos** autorais. No Brasil, a Folha e outros veículos bloquearam a mineração de dados em seus sites.

O Fórum reúne 11 organizações internacionais e realiza sua conferência em paralelo à Assembleia Geral da ONU. As

recomendações foram divulgadas no momento em que a União Europeia se prepara para votar sua Lei de IA e após a Casa Branca baixar um decreto sobre o tema.

O Senado brasileiro também levará a votação um projeto de lei sobre o tópico, de autoria do presidente da Casa, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

O relatório recomenda que os países estabeleçam diretrizes para as organizações de mídia e jornalistas em relação ao uso de conteúdo jornalístico para treinamento e "grounding" (contextualização, fundamentação e checagem) de IA. As organizações de mídia devem ter direito a transparência sobre o uso de seu conteúdo e a opção de não permitir a utilização.

O Fórum sugere modelos para compensação dos veículos de mídia pelo uso de seu conteúdo: por meio de imposto sobre a receita das empresas de IA ou de taxa global para apoiar a mídia. Esses recursos seriam distribuídos através de um fundo independente global.

O documento também aponta para a possibilidade de estabelecer os chamados códigos de barganha, como o implementado na Austrália em 2021, que permitem aos veículos negociação conjunta com as empresas, e **arbitragem** caso não se chegue a um acordo. Outra possibilidade aventada é implementar um sistema de royalties

semelhante à compensação usada em plataformas como o Spotify.

O Fórum também sugere aumentar o peso da credibilidade e da qualidade dos veículos de notícias e de suas reportagens nos algoritmos de classificação e recomendação, para aumentar a visibilidade de informação de qualidade, não apenas de conteúdo que

Continuação: Países devem criar lei para remunerar conteúdo usado em IA, diz entidade

engaja.

O relatório faz o alerta de que acontecimentos recentes mostraram o poder destrutivo que a IA pode ter sobre os processos políticos.

"Deepfakes de políticos podem influenciar o comportamento de eleitores, os sistemas de IA podem amplificar conteúdos que acirram conflitos, chatbots já deram informações incorretas sobre eleições, e os sistemas de IA podem reproduzir desigualdades existentes e levar a discriminação e viés", diz o grupo. "No entanto, a IA também apresenta possibilidades inexploradas para fortalecer a produção de notícias, análise de dados e acesso à informação."

"Em um ano em que quase 3 bilhões de pessoas irão

às tunas no mundo todo, esse tema não poderia ser mais importante", diz Laura Schertel Mendes, copresidente do grupo de trabalho que elaborou o relatório e professora de Direito no IDP.

"Regular a esfera pública digitalizada é pressuposto básico para qualquer democracia, para que as pessoas possam formar suas opiniões de forma livre e independente."

Entre as outras recomendações, estão a adoção de padrões de autenticidade e procedência de conteúdo, rotulagem, e transparência dos sistemas de IA, além de processos participativos para definir regras critérios para criar e testar inteligências artificiais.

# A história do remédio que revolucionou tratamento da dor e deu origem à indústria farmacêutica há 125 anos

SAÚDE



1 de 3

Foi um marco científico. O ácido acetilsalicílico, popularmente conhecido pela marca comercial Aspirina, é considerado o medicamento que inaugurou a indústria farmacêutica.

Trata-se do primeiro fármaco a ser sintetizado em laboratório, ou seja, que não pode ser encontrado em sua forma final na natureza.

Seu **registro** de patente foi realizado pela empresa Bayer em 6 de março de 1899, em Berlim, na Alemanha. Era o começo de uma história de sucesso, que mudaria a maneira como a humanidade lida com a dor.

Mas antes de prosseguir com esta história, cabe um alerta sempre necessário quando o assunto é medicamento - e mais importante ainda no caso de um remédio barato e acessível como é a Aspirina, que pode ser comprada, no Brasil, sem a necessidade de receita médica: a automedicação é sempre um risco.

"[O ácido acetilsalicílico] é facilmente encontrado e vendido nas farmácias e, por conta dessa facilidade de acesso, esse medicamento acaba sendo usado de maneira inadequada, o que pode trazer efeitos ad-

abpi.empauta.com

versos como problemas gastrointestinais, toxicidade renal e hepática", alerta à BBC News Brasil o farmacêutico Jean Leandro dos Santos, professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

"É sempre muito importante que haja orientação de um profissional de saúde no momento da indicação de um medicamento, como é o caso da Aspirina. O uso incorreto desses fármacos tem potencial [de consequência] grave. É importante que a população seja sempre orientada, no momento da decisão de utilizar um medicamento, mesmo que seja de fácil aquisição, isento de prescrição e de acesso direto na farmácia" completa o especialista, que também é coordenador do grupo de pesquisa e desenvolvimento de novos fármacos na Unesp e membro da American Chemical Society (ACS).

Mas se a Aspirina tem 125 anos, sua história é derivada de uma substância - esta, sim, encontrada na natureza - utilizada pelo ser humano há pelo menos 2,4 mil anos. Trata-se do ácido salicílico.

2 de 3

Salgueiro chorão é origem de substância Salgueiro chorão é origem de substância

Salicílico é uma derivação de a denominação científica da família do salgueiro - árvore também chamada de chorão, famosa pelas folhas pendentes. Desde a antiguidade, sabe-se que tanto as folhas quanto o caule dessas plantas eram boas para fazer um extrato utilizado no alívio de sintomas como dor e febre.

O salgueiro é rico em salicilato. Seu uso medicinal consta no famoso papiro Ebers, um tratado médico do Egito antigo datado de aproximadamente 1550 a.C.

Continuação: A história do remédio que revolucionou tratamento da dor e deu origem à indústria farmacêutica há 125 anos

Aclamado como o pai da medicina, Hipócrates (460 a.C. - 370 a.C) prescrevia o chá da planta para seus pacientes.

A medicina ancestral era muito mais empírica - e somente a partir do século 18 pesquisadores conseguiram identificar a substância benéfica desses extratos.

Mas havia um problema: se o ácido salicílico era bom no combate a dores, febre e inflamações, seus efeitos colaterais não podiam ser ignorados. Em outras palavras, o remédio causava sérios danos ao estômago.

"O ácido salicílico foi descoberto no período grego a partir da casca de um salgueiro que, uma vez fervida, rendia um chá com propriedades analgésicas, antipiréticas e capazes de aliviar a dor e a inflamação", conta Santos.

"Só que o produto isolado da casca do salgueiro, chamado de salicina, ainda hoje é utilizado no tratamento de verrugas e calos. Se a gente imaginar em termos de efeito adverso que é utilizado para reduzir calos, imagina o estrago que faz no estômago. Por isso, com base nos efeitos adversos, que esta substância precisou ser modificada até chegar ao ácido acetilsalicílico", acrescenta.

Isso se tornou uma preocupação científica. Era preciso dar um jeito de seguir utilizando a substância para o objetivo desejado, sem trazer novas complicações para os pacientes.

Foram muitas tentativas, algumas malsucedidas, outras parcialmente bem-sucedidas. Até que em 1897, movido por uma questão pessoal - ele queria encontrar algo para tratar o reumatismo do pai -, o químico alemão Felix Hoffmann (1868-1946), pesquisador da Bayer, conseguiu o feito.

Em laboratório, ele criou o ácido acetilsalicílico, abrindo um novo modelo de tratamento da dor para a humanidade.

Foi a primeira vez que um fármaco foi sintetizado em laboratório, ou seja, não apenas isolado da natureza.

Como o medicamento de Hoffmann não pode ser encontrado naturalmente, essa invenção se tornou um marco, considerado o ponto zero da indústria farmacêutica. Em 6 de março de 1899, a Aspirina foi então patenteada.

"Antes da descoberta do ácido acetilsalicílico, não havia muitas opções terapêuticas para o tratamento de quadros de dor. Basicamente, a população utilizava plantas medicinais para aliviar os sintomas", observa Santos.

"Até o final do século 19, existiam poucos analgésicos. Basicamente a morfina e o ácido salicílico", acrescenta à BBC News Brasil a biomédica Ana Paula Herrmann, professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenadora do portal FarmacoLógica.

Ela lembra que a morfina tinha histórico de causar dependência, e o ácido salicílico acarretava problemas por irritar as paredes estomacais.

Em sua primeira versão, o ácido acetilsalicílico era um pó, ministrado sempre com acompanhamento médico.

A partir de 1900, torna-se um comprimido, solúvel em água, vendido em pequenos tubos de vidro. Foi a primeira droga de uso geral vendida sob esse formato.

Pela primeira vez, alguém poderia se medicar sem a necessidade do auxílio de um médico ou um boticário. Foi uma revolução.

A simplicidade, o baixo custo, a acessibilidade e a eficácia transformaram a Aspirina em um sucesso quase instantâneo.

Em pouco tempo, se tornou sinônimo de com-

Continuação: A história do remédio que revolucionou tratamento da dor e deu origem à indústria farmacêutica há 125 anos

primido, de remédio. E passou a ser um item onipresente nas casas.

"Tornou-se um dos medicamentos mais vendidos do mundo", destaca a biomédica.

Na Primeira Guerra Mundial, a Aspirina se tornou um medicamento essencial para todos os soldados na linha de frente de combate. E espalhou-se rapidamente pelo mundo.

3 de 3

Medicamento inibe enzima que contribui para a dor  
Medicamento inibe enzima que contribui para a dor

Mas, afinal, como a Aspirina funciona?

"[Ela] inibe de maneira irreversível uma enzima no organismo responsável pela formação de prostaglandinas, que são substâncias que causam dor, e tromboxano, substância que causa fenômenos trombóticos", explica à BBC News Brasil o médico Gilberto de Nucci, professor na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

"Essa característica da inibição, irreversível, se deve à capacidade do acetilsalicílico de acetilar essa enzima, cujo nome é ciclo-oxigenase", completa Nucci, que é membro da Academia Nacional de Medicina, da Academia Nacional de Farmácia e da Academia Brasileira de Ciências.

Santos detalha que essa enzima "é responsável pela produção de mediadores que regulam o funcionamento e o equilíbrio de vários órgãos",

"Frente a uma inflamação ou quadro febril, esses mediadores são produzidos em excesso, e esse aumento de produção acaba aumentando o quadro inflamatório e sensibilizando os terminais receptivos responsáveis pela dor", explica o farmacêutico.

O "pulo do gato" de Hoffmann foi, de acordo com

Santos, "uma estratégia bastante simples", na qual ele "fez uma reação química de acetilação do ácido salicílico, levando à formação do ácido acetilsalicílico".

"A introdução desse grupamento é responsável pela redução das propriedades indesejadas que o ácido salicílico tinha", completa.

Durante muito tempo, no entanto, esse mecanismo de ação do medicamento era desconhecido. Sabia-se que funcionava por conta da experiência prévia com o extrato do chorão. Mas não se entendia exatamente como o fármaco agia no organismo.

"Isso só foi descoberto depois. E rendeu um Nobel para o descobridor", destaca Herrmann.

Os méritos são do farmacêutico britânico John Vane (1927-2004), ganhador do prêmio Nobel em 1982, anos após demonstrar o mecanismo de ação do ácido acetilsalicílico.

A Aspirina começou a perder o posto de analgésico preferido depois que foram desenvolvidos outros fármacos destinados a aliviar a dor, como o paracetamol, em 1956, e o ibuprofeno, em 1962.

Segundo Herrmann, hoje o medicamento é mais utilizado na prevenção de doenças cardiovasculares do que para aliviar a dor.

"No Brasil, hoje, como analgésico se usa muito mais o paracetamol, a dipirona e outros, que têm menos efeitos danosos para o estômago", diz ela.

"O uso da Aspirina é principalmente na prevenção de eventos cardiovasculares e também na prevenção de alguns tipos de câncer."

Santos explica que essas outras indicações acabaram sendo descobertas apenas com o uso.

"Com a própria utilização, foram observados tais

Continuação: A história do remédio que revolucionou tratamento da dor e deu origem à indústria farmacêutica há 125 anos

efeitos. Isso normalmente acontece com a pesquisa clínica, quando são percebidos efeitos adicionais do uso de um remédio", afirma.

No caso, constatou-se que, como a Aspirina inibe a ciclo-oxigenase, também previne ou inibe a formação de trombos.

Por isso, sua ingestão, em dosagens menores, passou a ser recomendada para alguns pacientes com histórico de doenças cardiovasculares, como forma de prevenir infarto e acidente vascular cerebral (AVC).

Mais recentemente, algumas pesquisas indicaram que o medicamento pode ser eficaz na prevenção de alguns tumores cancerígenos, por conta de seu papel inibidor de mediadores fisiológicos.

Para o professor Santos, é importante lembrar que, "embora seja um fármaco conhecido há mais de 100 anos, ainda há muitas pesquisas buscando a compreensão de seus mecanismos".

"Ainda é uma fonte de inspiração para o desenvolvimento de novos compostos, novos fármacos. Embora centenário, [o ácido acetilsalicílico] ainda é capaz de prover novas ideias, desenvolvimento de novas formulações, medicamentos e associações em que ele é combinado a outras substâncias", acrescenta.



# ONU: registro de patentes diminuiu em 2023 pela primeira vez em 14 anos

ÚLTIMAS

AFPi 07/03/2024 - 10:29 Para compartilhar:

O **registro** de patentes internacionais diminuiu no ano passado pela primeira vez em 14 anos, devido às taxas de juros mais altas e à incerteza econômica, afirmou a ONU nesta quinta-feira (7).

No total, 272.600 **patentes** internacionais foram registradas em 2023, um redução de 1,8% em relação ao ano anterior, indicou a **Organização** Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) da ONU em seu informe anual.

"Acreditamos que isto seja o reflexo do ambiente atualmente desfavorável para a inovação e a atividade empresarial", disse o economista-chefe da OMPI, Carsten Fink, em uma conferência de imprensa em Genebra.

A incerteza econômica e especialmente a alta das taxas de juros são consideradas as principais razões pa-

ra esta redução.

Segundo Fink, trata-se de um fenômeno "cíclico" ligado à atual conjuntura. Haverá novos registros de **patentes** "quando o ambiente externo melhorar", explicou.

Em relação às **patentes** apresentadas no marco do Tratado de Cooperação em matéria de **Patentes** (PCT, sigla em inglês), a China lidera a lista, com 69.610 registros, uma redução de 0,6% em relação a 2022.

Os Estados Unidos também reduziram, de forma mais acentuada, em 5,3%, mas permanecem na segunda posição com 55.678 patentes.

A Índia registrou um aumento importante (+44,6%), mas o total permanece modesto (3.791).

nl/vog/abx/es/jvb/jc/aa

## Ações para ampliar representatividade feminina no mercado



Ambientes com maior representatividade feminina inspiram e encorajam outras mulheres a conquistarem mais e melhores posições no mercado de trabalho. Essa foi a principal mensagem dos debates ocorridos no 2º Seminário Internacional de Mulheres em Propriedade Intelectual, promovido pela Rede IP Female, com apoio do **Instituto** Nacional de Propriedade Industrial (**INPI**), realizado na semana passada, no Rio de Janeiro. O evento é uma das ações transversais do Plano de Ação 2024 do Instituto.

Os projetos do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) na área foram destacados por Andrea Macera, secretária de Competitividade e Política Regulatória. O programa Elas Exportam oferece mentorias para aumentar a participação de empresas lideradas por mulheres no comércio exterior, e conta com a parceria do **INPI**. Já o Empreendedoras.tech é voltado para fortalecer projetos ou empresas de micro e pequeno porte de base tecnológica lideradas por mulheres.

Outro caso apresentado foi o da Prefeitura do Rio, que montou uma estrutura para atender a mulheres em situação de risco e também estimular a capacitação, o empreendedorismo e a inserção no mercado. Mariana Xavier, coordenadora na Secretaria de Políticas e Promoção da Mulher, explicou que a pasta busca parcerias para ampliar sua atuação, seja na oferta de

cursos, seja para ajudar as mulheres a conseguirem chances de trabalho.

Mulheres em rede

Espaço Publicitário

Rafaela Guerrante, coordenadora do Comitê Estratégico de Gênero, Diversidade e Inclusão (CEG-DI) do **INPI**, ressaltou o papel das redes e dos exemplos femininos bem-sucedidos para incentivar outras mulheres a persistirem nos seus propósitos e vencerem as barreiras, inclusive a insegurança, muitas vezes, em enfrentar ambientes majoritariamente masculinos.

Macera reforçou a importância de buscar o apoio de outras mulheres para intensificar a segurança e a autoestima. Por sua vez, Tatiana Machado, representante da Women in IP, complementou que as redes e associações de mulheres são fundamentais para ampará-las diante de situações de assédio. Para Bruna Rego Lins, da ChIPS, a mudança de cenário dependa da conscientização e, por isso, é importante que homens também participem de eventos sobre o tema.

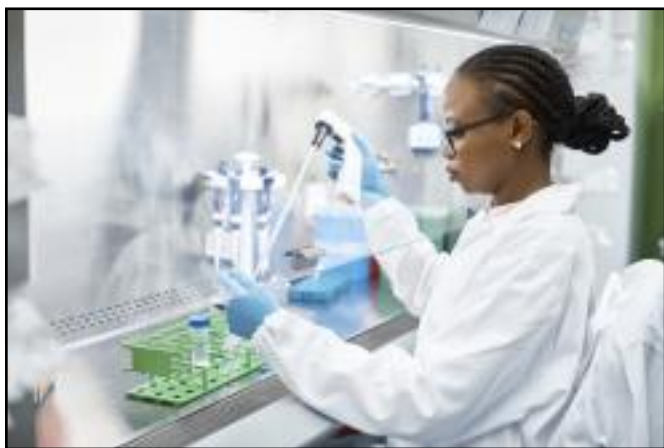
O 2º Seminário Internacional de Mulheres em Propriedade Intelectual aconteceu na sede da Associação Brasileira da Propriedade Intelectual (**ABPI**) e foi transmitido pelo canal da entidade no YouTube. O evento foi organizado pela Rede IP Female, grupo fundado em 2019 com o objetivo de mobilizar mulheres da área de PI para troca de experiências, democratização do

Continuação: Ações para ampliar representatividade feminina no mercado

conhecimento e boas práticas no mercado, fomentando a diversidade e a inclusão. Atualmente, o grupo conta com cerca de 400 mulheres no Brasil e no exterior.

Por Favor Digite Seu Nome Aqui

## Participação feminina na ciência brasileira cresce 29% em 20 anos, diz relatório



A participação de mulheres na ciência brasileira, como autoras de publicações científicas, cresceu 29% nos últimos vinte anos. No entanto, essa presença feminina na produção científica cai conforme a carreira avança. Dados são de relatório da Elsevier-Bori lançado nesta sexta-feira (8).

O documento, intitulado "Em direção à equidade de gênero na pesquisa no Brasil", também mostrou que, em 2022, 49% da produção científica brasileira tem pelo menos uma mulher entre os autores. Em 2002, esse percentual era de 38%.

Com isso, o Brasil ocupa a terceira posição entre os países com maior participação feminina na ciência, entre as nações analisadas (18 países mais a União Europeia). O país fica atrás apenas da Argentina e de Portugal, que possuem, cada um, 52% das publicações científicas com autoras mulheres.

Ainda de acordo com o relatório, a participação feminina na ciência cresceu também nas áreas associadas à Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (conhecida como STEM, na sigla em inglês), passando de 35%, em 2002, para 45%, em 2022.

Por outro lado, o documento mostra que houve uma diminuição da velocidade de crescimento da par-

ticipação de mulheres nestas áreas a partir de 2009, em comparação com o crescimento total de todas as áreas somadas.

O relatório foi desenvolvido a partir de um levantamento da quantidade de autores homens e mulheres que assinaram publicações científicas entre 2002 e 2022 na base de dados Scopus, a partir de ferramenta da Elsevier.

"São resultados encorajadores ao constatar que nas gerações mais recentes vem crescendo a participação feminina", comenta Dante Cid, vice-presidente de Relações Acadêmicas da América Latina da editora Elsevier. "No entanto, ainda temos desafios a superar nos aspectos de participação nas Exatas e de participação entre as gerações mais experientes".

Apesar dos resultados positivos sobre a participação feminina em produções científicas, o relatório mostrou que a presença de mulheres na Ciência é mais frequente entre as cientistas mais jovens. Conforme a carreira avança, a tendência é de diminuição da participação de pesquisadoras mulheres em trabalhos científicos.

De acordo com o levantamento, de 2018 a 2022, as mulheres que tinham até cinco anos de carreira foram coautoras em 51% das publicações científicas. No entanto, entre aquelas que possuíam mais de 21 anos de carreira, essa participação cai para 36%.

Além disso, o documento também mostrou que ainda existe disparidades na participação feminina em diferentes áreas do conhecimento. A produção científica feminina é maior em áreas como Enfermagem (80%), Farmacologia, Toxicologia e Farmacêutica (62%) e Psicologia (61%), enquanto é menor em áreas como Matemática (19%), Ciência da Computação (21%) e Engenharia (24%).

Continuação: Participação feminina na ciência brasileira cresce 29% em 20 anos, diz relatório

Ainda de acordo com o levantamento, algumas áreas científicas estão caminhando para a equidade de gênero. É o caso da Enfermagem e Psicologia, em que houve um decréscimo de 3,4 e 3,1 pontos percentuais, respectivamente, nas autoras mulheres em 10 anos, o que indica que mais homens estão publicando estudos sobre essas áreas.

Já áreas predominadas por cientistas homens, como Economia, Econometria e Finanças, Negócios, Administração e Contabilidade, Ciências Ambientais e Veterinária, apresentaram o maior crescimento no número de autoras mulheres em 10 anos: de 9,2 pontos percentuais (economia), 8,0 pontos percentuais (negócios), 6,6 pontos percentuais (ciências ambientais), 6,0 pontos percentuais (veterinária).

"Nos últimos anos, várias universidades têm criado iniciativas para apoiar e incentivar cientistas mu-

lheres em momentos como a maternidade", comenta Fernanda Gusmão, Gerente de Soluções para Pesquisa da América Latina da Elsevier. "Acredito que essas ações irão contribuir para acelerar o alcance da equidade em diferentes áreas do conhecimento."

No entanto, nas **patentes** de invenção, a participação feminina ainda cresce de forma lenta: as **patentes** em que todos os inventores são mulheres ficaram com estabilidade nos últimos 15 anos, de apenas 3% a 6%, segundo o relatório.

Esse crescimento não acompanha o aumento das patentes em que os inventores são homens e mulheres: nos últimos anos, houve um crescimento de 24%, em 2008, para 33%, em 2022.

# Mulheres receberam só 10% dos direitos autorais pagos na indústria musical em 2023

BLOGS



Mulheres que atualmente resolvem compor e cantar no Brasil estão em posição desfavorável aos homens quando se tratam de seus **direitos** autorais, conforme mostra um relatório inédito que a União Brasileira de Compositores (UBC) lança amanhã em referência ao Dia Internacional da Mulher.

Chamado de "Por Elas Que Fazem a Música", o estudo é anual e mostra que, entre 2022 e 2023, a parcela de rendimentos das associadas ficou estagnada em 10% do total ganho por músicos ligados à entidade. No período, o número de mulheres nos quadros aumentou e chegou a 17% dos mais de 60 mil membros, mas os lucros delas não.

Assim, 90% dos "royalties musicais" seguem indo para os homens.

Recebem **direitos** autorais aquelas (e aqueles) que compõem canções, bem como as que interpretam, produzem, tocam instrumentos (as executantes) e fazem novas versões de músicas (as versionistas).

Na análise por rubrica, a desigualdade foi maior para as mulheres quando observados os **direitos** autorais pagos pela TV aberta (as associadas receberam 6% do montante pago pelas emissoras) e fechada (8%). As rádios (14%) e as reproduções digitais (10%) en-

tregaram parcelas melhores - ainda díspares, enquanto os shows (10%) tiveram alta e foram destaque, graças a um boom pós-pandemia.

A desvantagem mais amena das compositoras ante a ala masculina foi de 15% dos direitos pagos por casas de festa, manifestações culturais, ambientes sonorizados, entre outros.

Um exemplo do abismo que separa as mulheres dos homens no mercado industrial, ainda segundo a UBC, está na lista dos cem associados com maior rendimento em 2023: somente 13 são do gênero feminino. Mais do que isso, a primeira artista a aparecer no ranking está na 21ª posição.

## Índice remissivo de assuntos

**Direitos Autorais**

3, 14

**Arbitragem e Mediação**

3

**Patentes**

5, 9, 12

**Propriedade Intelectual**

9

**Entidades**

9

**ABPI**

10

**Marco regulatório | INPI**

10